

**Eixo N°1:** Hoje, “no começo está a transferência”? E se não, então como é?

## **Fazer par com a urgência**

**Coordenadores:** Ezequiel Argaña (EOL), Ana Lucía Soler (EOL)

**Integrantes:** Patricio Álvarez Bayón (Buenos Aires), Mirta Berkoff (Buenos Aires), Julieta Bermant (Buenos Aires), Juan Brodsky (Misiones), María Pía Fracchia (Mendoza), Javier García (La Plata), Ana Cecilia González (Buenos Aires), Gonzalo Guzman (Córdoba), Mariana Li Fraini (Bahía Blanca), Patricia Pena (Buenos Aires), María A. Perez Duhalde (La Plata), Marina Recalde (Buenos Aires), Nancy Serrano (Salta), Mariana Torres Jiménez (Salta)

Analisar o falasser é o que já fazemos, resta-nos saber dizê-lo<sup>1</sup>.

### **Deslocamentos, passagens... mutações<sup>2</sup>**

O título do nosso eixo: “Hoje, ‘no começo está a transferência? E se não, então como é?’” coloca como ponto de partida questões sobre a vigência e as modalidades da transferência na borda do “que não se sabe”<sup>3</sup>.

Na “Proposição de 9 de outubro de 1967” Lacan postulou: “No começo da psicanálise está a transferência. Ela ali está graças àquele que chamaremos, (...), o psicanalisante. (...) Ela está ali no começo. Mas o que é?”<sup>4</sup>.

Do título do escrito de Lacan à pergunta da pesquisa, observa-se um deslocamento: de “o que é a transferência”, indicativo do que a definiria como tal, para o “então como é”, que situa seu valor na práxis e sua possível existência na atualidade.

Há analistas. Há psicanálise. É uma constatação clínica. No entanto, a que nos referimos quando falamos de transferência hoje?

---

<sup>1</sup> Miller, J.-A., “O inconsciente e corpo falante”. *Apresentação do tema do X Congresso da AMP*, no Rio, em 2016, Associação Mundial de Psicanálise. Disponível em: <https://www.wapol.org/pt/articulos/Template.asp?intTipoPagina=4&intPublicacion=13&intEdicion=9&intIdiomaPublicacion=9&intArticulo=2742&intIdiomaArticulo=9>, Acessado em: 27/08/23.

<sup>2</sup> Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

<sup>3</sup> Miller, J.-A., “Apertura de las primeras jornadas anuales sobre lo que no se sabe”, *In.: Lo que no se sabe*, Buenos Aires, Edita EOL, 1993, p. 17. [... sabemos transformar em saber *o que não se sabe*]. Tradução livre.

<sup>4</sup> Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *In.: Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p. 252.

Em parte das apresentações contemporâneas, surge como obstáculo a desvalorização do saber e a rejeição do *toque*<sup>5</sup> de amor, trazendo a marca da pluralização das figuras do Outro, efeito de um certo deslocamento do Outro barrado para o “Outro rompido”<sup>6</sup>. Entende-se, então, que há uma relação inversamente proporcional entre a descrença no Sujeito Suposto Saber, a ruptura da ancoragem na suposição e o aumento da angústia e da errância como sintomas contemporâneos.

Nosso eixo interroga o cerne de nossa práxis: com que nos encontramos? Como lemos e formalizamos a clínica? E, também, de que modo operamos como analistas?

### **Hoje, “no começo está a transferência?”**

Em 1967, quando Lacan escreveu o “algoritmo da transferência”, ele disse: “O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência”<sup>7</sup>. Perspectiva correlativa do sujeito barrado, do Outro e do sintoma como enigma. Nela, a intenção de significação e a localização do significante da transferência abrem o caminho para uma análise. Essas são as entradas em análise “clássicas” – para nomeá-las de alguma maneira –, onde a transferência enoda amor, saber e gozo.

Em nossa prática, encontramos casos que confirmam a vigência dessa perspectiva. Portanto, afirmamos: ainda há casos em que no início está a transferência. E consideramos que continua sendo a “mais poderosa aliada”<sup>8</sup> e necessária para que uma análise prossiga ao longo do tempo. No entanto, também há outros casos.

### **O preliminar...**

Lacan apontou: “Não há entrada possível em uma análise sem entrevistas preliminares”<sup>9</sup>. No “preliminar”, o paciente vai ao encontro do analista devido a algum sofrimento. Logo se verifica se o sintoma – em sentido amplo –, se articula ou não ao inconsciente. Este tempo de entrevistas

---

<sup>5</sup> *Bon heur*, feliz encontro. *Bon heurt*, bom toque.

<sup>6</sup> Laurent, E., “Tratamiento psicoanalítico de las psicosis e igualdad de las consistencias”. *La conversación clínica*, UFORCA, Buenos Aires, Grama, p. 43. Tradução livre.

<sup>7</sup> Lacan, J., “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *op. cit.*, p. 253.

<sup>8</sup> Freud, S., “Fragmento da análise de um caso de histeria”, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. VII, Rio de Janeiro, Imago, 1996, p. 112.

<sup>9</sup> Lacan, J., *El saber del psicoanalista*, Charlas en Sainte-Anne, Lição de 2 de dez. de 1971. Tradução livre.

pode ir na direção de uma entrada propriamente dita ou ser prolongado indefinidamente, dando lugar, desse modo, a um “preliminar rumo a nenhuma análise possível”<sup>10</sup>.

Partindo da afirmação de Jacques-Alain Miller: “o inconsciente e o sintoma não pertencem a mesma ordem; afirmar que se enodam [...] é propor que eles são distintos”<sup>11</sup>, destaca-se a função do grampo, ou seja, “essa alguma outra coisa que permitiria uma articulação entre inconsciente e sintoma”<sup>12</sup>.

Seguindo a hipótese de que “desabonado do inconsciente não é desabonado do *sinthome*”<sup>13</sup>, nos encontramos com “a outra metade do consultório”<sup>14</sup> onde verificamos a presença do desejo do analista e o consentimento do paciente em retornar sessão após sessão, ainda que não haja análise, em sentido estrito.

Perguntamo-nos: se não se trata de um significante que chama a outro para revelar a verdade de seu sintoma, então o que é que o faz retornar quando o sofrimento não consegue, via Sujeito Suposto Saber, engancha-se ao inconsciente? Nessas circunstâncias, se espera a transferência para interpretar? Ou a interpretação é oportuna, ou mais precisamente a “manobra” que, conseqüentemente, pode provocar a transferência? A respeito disso, trabalhamos diversos casos nos quais se destacou a operação do analista no sentido de abalar a posição inicial de gozo e produzir, por meio de um forçamento, o “abonamento” do inconsciente, ou ainda a leitura do sintoma.

A partir dessas manobras, foi possível ler em alguns casos a irrupção de algum tropeço, de alguma emergência de gozo, sobre a qual se pôde verificar o consentimento do sujeito ao ato analítico. No entanto, o fato de haver consentimento não implica que haja entrada em análise.

Em alguns casos, situamos operações do analista que dão lugar a uma entrada – com as características clássicas. Em outros casos, que não passam pela porta, encontramos diversas apresentações: com sofrimento, mas sem questão; sem demanda, mas com urgência; com reconhecimento do tropeço, mas sem consentir à análise etc.

Nestes casos, lemos modalidades de transferência “atípicas”, em que a dimensão do amor pode estar ausente, assim como a do saber, ainda que não a do gozo.

---

<sup>10</sup> Intervenção de Fabián Schejtman durante a Primeira Noite Preparatória do XI Enapol. Tradução livre.

<sup>11</sup> Miller, J.-A., *Los signos del goce* (1986-1987), Buenos Aires, Paidós, 1998, p. 366.

<sup>12</sup> Tudanca, L., “Abonados e desabonados”. *XI ENAPOL*. Disponível em: <https://enapol.com/xi/pt/portfolio-items/abonados-e-desabonados/>, Acessado em: 27/08/23.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> Recalde, M., “De lo amorfo a la forma, un trayecto necesario”, trabalho apresentado na Primeira Noite Preparatória do XI ENAPOL. Tradução livre.

## O que o caso ensina

- Uma adolescente, trazida à consulta pela mãe, relata o tratamento que dá para sua angústia: escreve o que sente, embrulha as folhas e joga no cesto de lixo para que ninguém leia. A tática do analista foi se oferecer como cesto. Ato que possibilita um consentimento visando separar o gozo solitário em jogo.
- Um jovem de 28 anos é encaminhado para evitar uma recaída em seu quadro de adição. Apático, desvitalizado, mas lúcido, formula que seu problema não é a maconha, mas a depressão. O analista se oferece como destinatário dos fiapos de discurso com os quais vai armando a história da referida depressão, em que a droga aparece como o tratamento encontrado para o “vazio no tempo” que é sua vida. Na queixa acerca do abatimento, do desânimo, da solidão, o analista recorta um significante dito de passagem: “arremetedor”. Ele o agarra, repete, o entoa, introduzindo um fio de vida que toca o corpo e com o qual enfrentará um projeto que o reintroduzirá no laço.
- Um homem não consegue parar de procurar pênis, em filmes pornô, em banheiros, tocá-los, deixar-se tocar. “Quer olhar até apodrecer”. Falar disso para encontrar um sentido opera como um empuxo. A operação consiste em limitar esse dizer, forçando o deslocamento do discurso para outras temáticas. O ato voyeur se limita, a angústia cede. Depois de vários anos, o analista é seu único confidente.
- Uma adolescente totalmente errante, sem laço afetivo diz “estar quebrada, que nada dá certo e que quer *terminar* este ano”. Significante equívoco no ponto em que seus *actings out* mostram permanentemente o empuxo à morte. Entrevistas com mais presença do que palavras. Em certa ocasião, surge uma pergunta dirigida ao analista: “Você viu que as pessoas têm cores? Que cor você pensa que eu sou?” O analista responde: “Fúcsia, nem vermelho forte, nem rosa pálido, mas uma cor com vida!” Significantes que impactam e delimitam, dando contorno ao empuxo mortífero.
- Um homem chega angustiado. “Gay” é um modo de se nomear que já não é suficiente. Em busca de outro nome, demanda um analista com um “olhar sobre a dissidência”. Manter arejado o espaço de perguntas, tomar distância dos nomes de manual, é a estratégia transferencial que permitirá localizar as marcas contingentes que o determinaram e amenizar a angústia.

A leitura dos casos nos conduz à hipótese de que a formação de um “entre”, localiza um lugar conveniente para o analista como “*parceiro-sintoma*” do “desabonado do inconsciente”.

### **Sem inconsciente, mas não sem sintoma**

No Seminário 20, Lacan fala de um enxame de significantes que não se encadeiam e que não se distinguem entre si. Não supomos aí nenhuma ordem de saber, mas a repetição insensata do mesmo.

O que se verifica no começo é que o paciente traz um sintoma, mesmo que de uma forma estembrulhada<sup>15</sup>. Neologismo lacaniano que revela algo que não tem estrutura definida, nem pode ser lido como uma escritura, ainda quando está inscrito. É preciso um trabalho prévio, é necessário que haja uma passagem do amorfo para a forma. Isso não acontece espontaneamente, requer um forçamento<sup>16</sup>.

Dessa forma, os S<sub>1</sub> soltos, plenos de gozo, não convocam o Outro, nem contêm um saber passível de ser lido. O sintoma se apresenta em seu estado natural, selvagem, fechado. *Estembrulhada* não tem como ponto de partida “isso quer dizer”, mas sim “isso quer gozar”, que não concerne ao Outro. A manobra analítica será aquela que possibilitará a abertura a um parceiro de gozo<sup>17</sup>.

Nesse sentido, situamos que o saber muda de lugar, quem sabe – mesmo sem saber – é o analisante, mas há outro que “segue o que o analisante tem a dizer”<sup>18</sup>, posição de testemunha, de secretário. Observamos então que se produz uma ruptura com a suposição: o analista não é quem sabe, ele é quem segue, não mais o sujeito, mas a trilha de gozo inscrita no corpo. Trata-se de um saber de “singularidade radical”<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Lacan, J., “Prefácio à edição inglesa do Seminario 11”. *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567.

<sup>16</sup> Recalde, M., “De lo amorfo a la forma, un trayecto necesario”, *op. cit.*, Tradução livre.

<sup>17</sup> Laurent, E., “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência”, *Opção Lacaniana – Revista Brasileira de Internacional de Psicanálise*. São Paulo. Edições Eólia, n. 79, jul. de 2018, p. 56.

<sup>18</sup> Lacan, J., “Rumo a um significante novo”. *Opção Lacaniana*, São Paulo, Ed. Eólia, n. 22, ago. 1998, p. 10.

<sup>19</sup> Laurent, E., “Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência”, *op. cit.*

Uma passagem da noção de transferência ficção<sup>20</sup> – que implica transferir para o analista o lugar da causa da produção de saber na análise – para uma ideia de transferência *fixação*<sup>21</sup> – que se fixa, se amarra à “*moterialidade*<sup>22</sup> de *lalíngua*”<sup>23</sup> e implica uma mutação de satisfação.

### **Da urgência à emergência singular**

Como localizar aquilo que, no começo, faz com que alguém retorne sessão após sessão?

Partimos de uma relação entre urgência e satisfação, referida por Lacan no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11” quando ele diz: “... dar essa satisfação é a urgência que a análise preside, interroguemos como pode alguém se dedicar a satisfazer esses casos de urgência”<sup>24</sup>. *Urgência*, do latim *urgens*, “que não sofre atraso”, e *urgere*, que significa “empurrar, apressar”. Urgência no início, que situa “o que empurra” com a demanda de satisfação no percurso analítico. Assim, lemos um deslizamento da urgência como dimensão do sofrimento na sessão, para “o que urge” como aquilo que empurra, que preside como satisfação uma análise. Uma urgência relacionada com o real.

Miller<sup>25</sup> indica que se trata de uma ordem de causalidade mais profunda que a transferência, para além do significante, no plano da ressonância de *lalíngua*. O paciente volta pelo “que urge” e não pela transferência, que é miragem, sugestão, e, por isso, é um dos conceitos fundamentais que se ausenta<sup>26</sup> no ultimíssimo ensino de Lacan. O analista “faz par”<sup>27</sup> nesses casos, mesmo quando o SSS não se estabelece. E por isso encarna a urgência vital.

A partir desse percurso, propomos que na “clínica dos desabonados”, o que há é a urgência da satisfação que preside uma análise e a oferta do analista, com seu desejo e presença. Funções que, enquanto vazias, permitirão a emergência do singular.

---

<sup>20</sup> Lacan, J., *O Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise.*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1988, p. 22. “*Fictitious* não quer dizer ilusório nem, em si mesmo, enganador [...] *Fictitious* quer dizer fictício, mas no sentido em que já articulei perante vocês que toda verdade tem uma estrutura de ficção. [...] O fictício, efetivamente, não é, por essência o que é enganador, mas, propriamente falando, o que chamamos de simbólico”.

<sup>21</sup> Lacan, J., “O aturdido”, *In.: Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 484.

<sup>22</sup> Neologismo *Moterialidade* composto pelo termo *mot* palavra e *materialite* materialidade.

<sup>23</sup> Neologismo *lalíngua*, produzido por Lacan durante a aula de 4 de novembro de 1971, publicada em Lacan, J., *Estou falando com as paredes*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

<sup>24</sup> Lacan, J., “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, *op. cit.*, p. 569.

<sup>25</sup> Miller, J.-A., *Perspectivas dos Escritos e Outros*, *op. cit.*, p. 118-119.

<sup>26</sup> Miller, J.-A., *El ultimísimo Lacan*, Buenos Aires: Paidós, 2013, p. 179.

<sup>27</sup> Lacan, J., “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”, *op. cit.*, p. 568-569: “Existe o analista a ser levado em conta no tratamento. [...] como pode alguém se dedicar a satisfazer esses casos de urgência. [...] para ficar a par desses casos, *fazer com eles par*”.

Então, inicialmente, não se requer o amor, nem a suposição de saber sobre o sofrimento. Também não parece ser condição a instauração de um Outro para acionar o dispositivo, mas o prioritário é fazer par com aquilo que não faz parceria: o gozo do Um.

Afirmamos: “não há relação sexual”, há relações analíticas. Pensar as relações analíticas, uma a uma, nos leva a situar a transferência como contingência e como singularidade. Vale a pena que surja e isso não acontece mais do que por um “feliz acaso” [*bonne chance*]<sup>28</sup> que só se apreende através do nó do sintoma.

Concluimos, assim, com não tudo concluído..., mas seguindo os rastros de Freud que nos diz: “O tratamento psicanalítico não cria a transferência, mas simplesmente a revela, como a tantas outras coisas ocultas na vida anímica”<sup>29</sup>.

Tradução: Tainã Rocha  
Revisão da tradução: Eduardo Vallejos e Paola Salinas  
Revisão: Luis Francisco Camargo e Diego Cervelin

---

<sup>28</sup> Lacan, J., “Solo vale la pena sudar por lo singular”, *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, n° 32, Buenos Aires, Grama, 2022.

<sup>29</sup> Freud, S., “Fragmento da análise de um caso de histeria”, *op. cit.*, p. 112.